VI Simpósio Nacional de
HISTÓRIA CULTURAL
Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

IDENTIDADE, CINEMA E ESTEREOTIPIA: MILITARES E MILITANTES NOS FILMES SOBRE A DITADURA

Carolina Maria Abreu Maciel*
Jailson Pereira da Silva (Orientador)**

"A história se faz com os documentos escritos, sem dúvida, quando eles existem, mas ela pode ser feita, ela deve ser feita, com tudo o que a engenhosidade do historiador lhe permitir utilizar." [1]
Le Febvre, 1974.

Durante muitos séculos a História que nos é apresentada em sala de aula provinha dos manuais positivistas que previam o culto ao mito fundador, aos heróis e às grandes personalidades do país. Após o advento dos estudos da Escola dos Annales, abriu-se ao historiador um leque de possibilidades, de fontes e o emprego de novas abordagens em suas análises. A relação história-imagem existe desde o momento em que os homens começam a se utilizar de desenhos para preservar e contar sua trajetória[2]. Assim, essa pesquisa destina-se em analisar o uso do cinema como recurso dentro de

---

* Estudante do 6º semestre da Graduação em História, bolsista do Programa de Iniciação a Docência, pela Universidade Federal do Ceará

** Professor Adjunto da Universidade Federal do Ceará (UFC) Mestre (2002) e Doutor em História (2009) pela Universidade Federal de Pernambuco.

1 SCHIMIDT, Maria Auxiliadora e CAINELLI, Marlene. **Ensinar História**. São Paulo: Scipione, 2004.

2 FREIRE, Larissa Almeida, CARIBÉ, Ana Luiza. **O filme em sala de aula: como usar.** In: Revista eletrônica O Olho da História. Bahia, 2004. p. 04.

ISBN: 978-85-98711-10-2

sala de aula, procurando estabelecer entre os discentes outro olhar sobre a sétima arte que vá além do entretenimento.

Inúmeros são os acervos obras fílmicas que retratam alguns períodos históricos traumáticos, muitas vezes, nos levam a crer, que os traumas sociais, por eles apresentados foram superados, mas por conta dessa interpretação nos colocamos a margem da História, nos afastando cada vez mais do assunto achando que já está "batido" e que não precisamos buscar mais informações sobre estes acontecimentos.

> Em vez de uma herança viva, os traumas do passado são considerados "superados", uma vez tendo sido devidamente *exposto/cultuados* na mídia. Sobretudo a televisão possui esse poder de concretizar – no espaço exíguo da tela brilhante do televisor, mas também nas mentes dos telespectadores – a falsa realização das utopias que leva de roldão o passado, as culpas, responsabilidades e, desse modo, a própria seiva que poderia levar a um movimento civil que deveria lutar, por exemplo, pelo esclarecimento do paradeiro dos desaparecidos. Mais de 20 anos de Anistia no Brasil: isso equivale a 20 anos de amnésia?[3]

A análise do filme "Batismo de Sangue", busca observar os diferentes estereótipos dos personagens, os militares e os militantes de esquerda. Assim, desenvolvendo nos alunos a percepção de como são formados os estereótipos, que vem sendo uma regra nos filmes sobre a Ditadura Civil-Militar. Os militares nossos "heróis" X o "mal" comunista, representado pelos "subversivos" militantes de esquerda. Ao trabalhar essa formação de estigmas e representações, procuramos fazer com que o discente possa perceber a formação dos estereótipos dentro da sociedade mais especificamente, no ambiente escolar.

A utilização do filme como meio de propagação do conhecimento histórico se apresenta como uma ferramenta de grande relevância, mas como nada é perfeito, pode ser também, uma fonte muito perigosa, dado que, os juízos de valores passados pelos enredos dos filmes podem acabar prejudicando na formação dos discentes, como veremos o exemplo a seguir.

---

[3] SILVA, Márcio Selgmann (Org.). **Reflexões sobre a memória, a história e o esquecimento.** In: História, memória, literatura: o Testemunho na era das Catástrofes. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003. p. 83-84.

ISBN: 978-85-98711-10-2

Para uma melhor compreensão do que está sendo proposto com esse estudo, primeiramente devemos nos focar nos conceitos que serão trabalhados na análise do filme.

Estereótipo é [...] uma visão supersimplificada e usualmente carregada de valores sobre as atitudes, comportamento e expectativas de um grupo ou de um indivíduo.[4] Ao estereotipar o outro estamos agregando uma gama de valores que em determinadas ocasiões tiram-lhe o seu papel de sujeito histórico.

> No caso dos estereótipos, ao identificar determinadas posturas ou comportamentos automaticamente enquadramos as pessoas que os possuem em categorias previamente definidas. [...] Através do estereótipo encaixamos as pessoas em uma forma pronta.[5]

Ao não conseguirmos encaixar o indivíduo perfeitamente na categoria que escolhemos, acabamos por tentar encaixá-lo, mesmo que precisemos deformá-lo, para poder estar onde queremos.

O estigma por outro lado é [...] na realidade, um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo, embora eu proponha a modificação desse conceito, em parte porque há importantes atributos que em quase toda a nossa sociedade levam ao descrédito.[6]

A relação entre estereótipo e estigma se dá no momento em que para estereotipar o outro é necessário que este tenha características, sejam elas negativas ou positivas, as quais possam ser enquadradas numa só categoria. Assim, o estigma pode ser pensado como uma estrutura vazada na qual vêm se encaixar os diferentes estereótipos, estes se caracterizando como uma forma cristalizada e pré-determinada.[7]

---

[4] EDGAR, Andrew; SEDGWICK, Peter. **Teoria cultural de A a Z: conceitos-chave para entender o mundo contemporâneo.** São Paulo: Contexto, 2003. p. 107.

[5] SOARES, Rosana de Lima**. *De palavras e imagens: estigmas sociais e discursos audiovisuais***. Revista da Associação Nacional de Pós-Graduação em Comunicação |E-compós, Brasília, v.12, n.1, jan./abr. 2009. p. 02.

[6] GOFFMAN, Erving, **Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade deteriorada**. Brasil. Zahar Editores, 1980. p. 13.

[7] SOARES, Rosana de Lima. Op. Cit. p. 04.

ISBN: 978-85-98711-10-2

Quando falamos de identidade, por ser um conceito bastante discutido atualmente, muitas são as vertentes que tentam definir sua significação. De acordo com Kalina Silva,

> Esse conceito tem atingido relevância tal para a compreensão do mundo de hoje que alcançou já as salas de aula, o que é visível, por exemplo, na inquietação dos educadores em promover a conscientização sobre a diversidade cultural brasileira: o conhecimento dessa diversidade passa pela definição das identidades étnicas, regionais, entre outras. A noção de identidade tornou-se, assim, um dos conceitos mais importantes de nossa época. […] Partindo de uma definição filosófica, a qual agrega conceituações antropológicas e psicológicas, Dominique Wolton define identidade como o caráter do que permanece idêntico a si próprio; como uma característica de continuidade que o Ser mantém consigo mesmo. Partindo dessa ideia, podemos compreender a identidade pessoal como a característica de um indivíduo de se perceber como o mesmo ao longo do tempo.[8]

O filme ***Batismo de Sangue***, dirigido por Helvécio Ratton, foi realizado no ano de 2006 e lançado em 2007. A película ganhou o prêmio de melhor diretor e melhor fotografia, no Festival de cinema de Brasília (2006). Segundo o diretor, *Batismo de Sangue*, de Frei Betto, conta a trajetória de frades dominicanos que se envolveram na luta contra a ditadura militar e pagaram um alto preço por sua ousadia.9 A trama se desenvolve tendo como personagem central Frei Tito de Alencar Lima, mas mantendo os demais (Frei Ivo, Frei Betto, Frei Oswaldo e Frei Fernando) sob o foco da narrativa. Cada personagem tem suas características individuais, porém todos acreditavam que deveria haver a conscientização do povo para lograr resultados positivos diante das atrocidades do regime ditatorial. O filme contém cenas muito fortes de violência, mas de acordo com Ratton,

> A tortura a que foram submetidos os Freis Fernando e Ivo durou um dia e uma noite; Frei Tito foi torturado durante três dias e três noites, as equipes de torturadores se revezavam e faziam horas extras. Suavizar a violência sofrida pelos dominicanos torná-la mais palatável, seria uma traição à memória de Tito e ao testemunho de todos aqueles que passaram pelos porões da ditadura. Decidimos então

---

8 SILVA, Kalina Vanderlei, MACIEL, Henrique Silva. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2009. 2.ed., 2ª reimpressão. p. 202.

9 Publicação do Governo de São Paulo, onde contém o roteiro do filme com entrevista com Diretor e Roteirista da película "Batismo de Sangue". Cinema Brasil - Coleção Aplauso. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008. p.13.

ISBN: 978-85-98711-10-2

> mostrá-la de forma breve, as cenas de tortura duram poucos minutos no filme, mas com força suficiente para expressar toda a dor e humilhação sofridas.[10]

Como o filme é baseado em fatos reais, a utilização de nomes de pessoas diretamente envolvidas com os acontecimentos, a demarcação do local, ou seja, as informações, narram fatos verídicos, o enredo deve manter sua fidedignidade à história. Helena Salem, no texto "Filme fica em débito com a verdade histórica", nos coloca essa questão que é de extrema importância a utilização do filme em qualquer tipo de análise, seja em sala de aula ou mesmo para o entretenimento, que é a questão da verdade histórica. Partindo da análise do filme "O que é isso companheiro?" a autora coloca que os filmes são obras de ficção e não tem obrigação de contar fielmente os acontecimentos, porém a partir do momento em que se usam datas, fatos, nomes de personagens que participaram dos eventos, o filme, tem sim a obrigação moral de se manter fiel aos fatos.

> Pode se argumentar que o filme é obra de ficção, apenas uma adaptação livre da obra, como tal, tem toda liberdade de inventar. Mas, por outro lado, quando se utiliza os nomes verdadeiros de alguns personagens - de Jonas, do velho militante Toledo (Nélson Dantas) e do próprio Fernando Gabeira (procurando-se inclusive a semelhança física com ele) - , quando se localiza e data o fato histórico ocorrido, o argumento de ficção se esvazia.[11]

Durante o período militar, a esquerda brasileira era negativamente apresentada à sociedade, estratégia utilizada pelo governo para manter a sociedade com medo, assim, não aderindo à luta contra a ditadura. Os militantes eram taxados de terroristas, assassinos, assaltantes dentre outras formas de identificação que proporcionavam a ditadura um controle do medo da população. Esses estigmas os perseguem até hoje, a mentalidade da sociedade brasileira ainda não está liberta das amarras que o governo militar a impôs. Basta percebemos como são taxados os movimentos sociais, pela grande imprensa, e a tortura prática que infelizmente não cessou com o fim do regime. Já os militares foram os "salvadores" da nação, da ordem e da religião, protegeram o

---

[10] Id.

[11] SALEM, Helena. **Filme fica em débito com a verdade histórica**. In. REIS FILHO, Daniel Aarão et alii. ***Versões e ficções: o sequestro da história***. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 1997. p. 48-49.

ISBN: 978-85-98711-10-2

país dos "terroristas" que queriam levar o país ao caos, à imoralidade personificada no comunismo. O cinema, como a TV, os periódicos impressos são meios de disseminação dos estigmas sociais, mesmo que atualmente, estejam tentando mudar essa realidade.

Não é coincidência o fato de que a ditadura militar produziu inúmeras propagandas12 exaltando o potencial brasileiro e denegrindo a imagem de quem ousasse ser contra o "progresso" do país.

Após o fim da ditadura militar o que vemos, de alguma maneira, é uma inversão de estereótipos. Acabamos por incorporar as práticas de estigmatização com as quais o governo negativava a imagem do militante, hoje, nós estigmatizamos os militares, quando generalizamos o pensamento ditatorial a todos eles. Ao negativar a imagem das forças armadas, caímos na mesma "armadilha", ainda que exista militares com a mentalidade truculenta dos anos 1960, que se apresentam todos os anos durante as comemorações de aniversário da "revolução", essa inversão de quem é o vilão e quem é o mocinho sempre é prejudicial a uma sociedade que ainda vive na escuridão dessa história. Há, discursivamente, uma homogeneização dos atores sociais: militantes X militares. Nesse processo, simplifica-se a realidade e não se expõem as cisões que marcam cada um desses grupos, com isso continuamos, de maneira viciosa, a estigmatização dos sujeitos.

Na película aparecem os mais diversos estereótipos, o policial torturador que parece gostar das sevícias as quais submete os indivíduos, Raul Careca (Murilo Grossi), o Delegado Fleury (Cássio Gabus Mendes) nos apresenta uma das mais monstruosas personalidades do filme, a representação de seu sangue frio perante as torturas é clara na passagem abaixo:

> FLEURY faz um gesto e os TORTURADORES colocam pinças nas orelhas de FERNANDO, que grita muito e desmaia.
> **FLEURY (PARA TORTURADOR)**
> *Vai chamar o doutor.*
> TORTURADOR sai. PUDIM joga água em FERNANDO,
> que não se mexe.

12 Durante o período militar inúmeras propagandas exaltavam as transformações e o progresso do Brasil. "[...] algumas publicidades articularam-se ao projeto oficial que pretendia descortinar a grandiosidade do Brasil (e de seu Estado) para os brasileiros, exibindo-lhes suas 'façanhas' e 'potencialidades' desse 'país do futuro'". Cf. SILVA, Jailson Pereira da. **Um Brasil em pílulas de um minuto: História e cotidiano em publicidades das décadas de 1960-1980.** Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2010. p. 84.

ISBN: 978-85-98711-10-2

> FLEURY e PUDIM observam MÉDICO examinando FERNANDO.
> **MÉDICO**
> *E como anda o tempo em São Paulo?*
> **FLEURY**
> *Como sempre. Nublado sujeito a garoas, chuvas e trovoadas.*
> **MÉDICO**
> *Nesse feriado eu vou para Ilhabela, conhece?*
> *Um colega da Marinha tem um barco lá, me chamou pra navegar.*
> FLEURY sorri para ele.
> **FLEURY**
> *É o meu sonho: um barco na Ilhabela!*[13]

Os dominicanos são retratados como a ala da Igreja Católica que não fugiu à luta, vê-se aqui o papel do Frei Osvaldo (Ângelo Antônio), que não quer deixar o país, mesmo já tendo sido designado que viajasse a França.

> **FREI DIOGO** (FALA BAIXO, GRAVE)
> *Cada um de vocês deve parar e pensar muito bem nos riscos dessa opção. (para OSWALDO) Está determinado há muito tempo que o senhor deve ir para a França. Já demorou demais.*
> **OSWALDO**
> *Mas eu não quero, não posso ir embora e abandonar tudo!*[14]

A narrativa se desenvolve contando a trajetória de contestação do regime dos cinco freis, suas prisões e torturas chegando ao fim com o suicídio de Frei Tito que marca o início e o final do filme.

Utilizar o cinema em sala de aula é bem mais que uma forma divertida de se aprender história, matéria que desde os primórdios de sua existência como disciplina é tratada como "decoreba".

> O cinema pode ser considerado uma "nova" linguagem centenária, pois apesar de haver completado cem anos em 1995 a escola o descobriu tardiamente. O que não significa que o cinema não foi pensado, desde seus primórdios, como elemento educativo, sobretudo em relação às massas trabalhadoras.[15]

Essa nova forma de levar aos alunos os conteúdos, sejam de história ou quaisquer outras disciplinas, é um pouco complicado, pois há uma série de preparativos para organizar essa atividade, "[...] o professor deve levar em conta o problema da

---

[13] BATISMO DE SANGUE, RATTON, 2007.

[14] Id.

[15] NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 07.

ISBN: 978-85-98711-10-2

adequação e da abordagem por meio de reflexão prévia sobre os seus objetivos gerais e específicos".[16] Vários são os elementos que o professor deve se preocupar para a realização desta atividade, como por exemplo, a faixa etária do filme, o local de exibição, muitas vezes o material necessário (TV ou o aparelho de DVD) não está funcionando, assim, se vê necessária uma organização prévia.

> Outro problema comum é planejar o uso de um filme que você, professor, assistiu há dez anos, achou maravilhoso e adequado para a sua matéria e descobrir, também em cima da hora, que ele está fora de catálogo ou não existe em nenhuma locadora em um raio de cem quilômetros.[17]

Muitos são os problemas, mas com um mínimo de esforço e organização o professor "tira de letra". As possibilidades de utilização do cinema em sala de aula vão além de uma dinamização da aula, de uma forma divertida de se aprender, mas com esse recurso apresentamos outra forma de relacionamento do aluno com o meio cultural.

> Trabalhar com o cinema em sala de aula é ajudar a escola a reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e elevada, pois o cinema é o campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte.[18]

A História é uma das disciplinas que mais se utilizam do cinema em suas aulas, já que muitos filmes são produzidos com as temáticas históricas, por um lado isso é ótimo, pela diversidade de possibilidades que o cinema nos proporciona, mas por outro nós professores devemos ter bastante cuidado de como vamos apresentar o filme aos nossos alunos. Devemos ter em mente que muitos dos discentes ao assistirem um filme histórico podem cair no erro de achar que o fato narrado no filme é de total veracidade, além dos anacronismos presentes em muitas dessas produções.

> [...] duas armadilhas no uso do cinema em sala de aula: o anacronismo e efeito de super-representação fílmica (ou seja, o que é visto é assimilado como verdade absoluta). O anacronismo ocorre quando os valores do presente distorcem as interpretações do passado e são incompatíveis com a época representada. [...] o efeito de super-representação pode ser particularmente forte em crianças mais novas,

---

[16] Ibid. p. 16.

[17] Ibid. p. 17.

[18] Ibid. p. 11-12.

ISBN: 978-85-98711-10-2

> decorrente da força que a imagem (particularmente a imagem fílmica) possui como experiência simulada da realidade.[19]

Por isso, o papel do professor é de mediador entre o filme e os alunos, buscando articular o debate em torno do assunto tratado pela projeção fílmica e as experiências, extraclasse, dos discentes. Assim, os alunos poderão colocar em prática, fora de sala de aula, a criticidade ao que lhe é apresentado pelos meios de comunicação. Criando o hábito de se indagar e tornar-se mais ativo diante de sua realidade social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A utilização do cinema em sala de aula nos traz diversas possibilidades de intervenção na construção, seja ela social ou cultural, dos alunos. A escola é um dos lugares de formação de identidades, não devendo ser um mero local de reprodução do sistema social ao qual o país está inserido, devendo formar cidadãos ativos na sociedade.

Por meio dos filmes podemos ensinar aos alunos, não somente conteúdos que os ajudaram a "passar de ano", mas os ajudamos a desnaturalizar modelos excludentes que os são apresentados pela sociedade.

O trabalho proposto ao levarmos o filme analisado aos alunos é a quebra dos paradigmas sociais aos quais todos os dias ele se veem obrigados a se adaptar. Além de mostrá-los, como a mídia pode ser uma propagadora de "verdades", verdades essas distorcidas pelos jogos de poder em que estão envolvidas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDALA JUNIOR, Roberto. **O cinema na conquista da América: um filme e seus diálogos com a história.** *Revista Brasileira de Educação*, v.13, n.37, p. 123-137, 2008.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes (org.). **O saber histórico na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2002.

[19] Ibid. p. 38-39.

ISBN: 978-85-98711-10-2

EDGAR, Andrew; SEDGWICK, Peter. **Teoria cultural de A a Z: conceitos-chave para entender o mundo contemporâneo.** São Paulo: Contexto, 2003.

FREIRE, Larissa Almeida, CARIBÉ, Ana Luiza. **O filme em sala de aula: como usar.** In: Revista eletrônica O Olho da História. Bahia, 2004.

FERRO, Marc. **O filme: uma contra-análise da sociedade.** In: LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre (orgs.). **História: novos objetos**. Tradução de Terezinha Marinho. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

GOFFMAN, Erving, ***Estigma:*** **Notas sobre a Manipulação da Identidade deteriorada**. Brasil. Zahar Editores, 1980.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2003.

REIS FILHO, Daniel Aarão et alii. ***Versões e ficções: o sequestro da história***. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 1997.

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora e CAINELLI, Marlene. E**nsinar História**. São Paulo: Scipione, 2004.

SILVA, Kalina Vanderlei, MACIEL, Henrique Silva. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2009. 2.ed., 2ª reimpressão.

SILVA, Márcio Selgmann (Org.). **Reflexões sobre a memória, a história e o esquecimento.** In: História, memória, literatura: o Testemunho na era das Catástrofes. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

SOARES, Rosana de Lima**.** ***De palavras e imagens: estigmas sociais e discursos audiovisuais***. Revista da Associação Nacional de Pós-Graduação em Comunicação |E-compós, Brasília, v.12, n.1, jan./abr. 2009.

FILMOGRAFIA

BATISMO de sangue. Direção: Helvécio Ratton. Produção: Helvécio Ratton. Roteiro: Dani Patarra e Helvécio Ratton, baseado no livro "Batismo de Sangue", de Frei Betto. Brasil, 2007. CVD (110min).